

## **O PROFISSIONALISMO E A RACIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NA DÉCADA DE 1940 (BELO HORIZONTE, MG)**

Sarah Teixeira Soutto Mayor<sup>1</sup>

Georgino Jorge de Souza Neto<sup>2</sup>

Sílvio Ricardo da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O trabalho teve como objetivo analisar o futebol da cidade de Belo Horizonte na década de 1940, alguns anos depois da implantação oficial do profissionalismo. Em especial, os mecanismos de racionalização do esporte, tais como as medidas que visavam alterações nos costumes dos jogadores; a contratação de técnicos estrangeiros; as mudanças nos estádios; as alterações táticas; a ideia de corpo-máquina; e as intervenções da medicina no esporte. Concluímos que o futebol, tornado cada vez mais um produto de um mercado em expansão, racionalizava-se a passos largos no momento estudado, priorizando a rentabilidade do jogo, o que refletia no descarte dos atletas que não conseguiam alcançar o padrão imposto. Destacamos também a importância da questão tática para o momento específico, situação que pode se desdobrar em estudos futuros sobre o tema.

**Palavras-chave:** Futebol; Profissionalismo; Racionalização; Belo Horizonte.

### **Professionalism and the rationalization of football in Belo Horizonte-BR in the 1940s**

**Abstract:** This paper explores the practice of football in Belo Horizonte, Brazil, in the 1940s, a few years after the official implementation of professionalism. In particular, the mechanisms of rationalization of the sport, such as the measures aimed at changing the players' habits; the hiring of foreign coaches; the changes in stadiums; the tactical alterations; the idea of the body-machine; and the medical interventions in sports. We conclude that football has increasingly become a product of an expanding market, was being rationalized at the moment we studied, prioritizing the profitability of the game, which reflected in the discarding of athletes who could not meet the imposed standard. We also highlight the importance of the tactical issue for the specific moment, a situation that may unfold in future studies on the subject.

**Keywords:** Football; Professionalism; Rationalization; Belo Horizonte.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora, Brasil).  
Email: [sarahtsouttomayor@hotmail.com](mailto:sarahtsouttomayor@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual de Montes Claros (Montes Claros, Brasil).  
Email: [netogeorgino@gmail.com](mailto:netogeorgino@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil).  
Email: [prof.srs@gmail.com](mailto:prof.srs@gmail.com)

## **Introdução**

O objetivo desse artigo é analisar algumas das mudanças ocorridas a partir da instauração do regime profissional na cidade de Belo Horizonte, em 1933 (RODRIGUES, 2006, SOUZA NETO, 2010, MOURA, 2010, LAGE, 2013, SOUTTO MAYOR, 2017), e que reverberaram ou se manifestaram na década de 1940. A formalização do profissionalismo gerou uma série de requisições e transformações, que afetaram sobremaneira a comunidade futebolística, em especial os atletas.

Foram pesquisados periódicos que circularam na cidade na referida década, como: Revista América; Olímpica, o Cruzeiro em foco; Diário Esportivo; Folha Esportiva e Sport Illustrado. Também foi analisado o Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Os impressos foram consultados na Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luís de Bessa, em Belo Horizonte, e na Coleção Linhares<sup>4</sup>, em formato digital.

O fracasso ou o sucesso dos jogadores no recém-instaurado regime comporta relações com o aumento das exigências do futebol profissional e com a capacidade de adaptação às mudanças que se processaram, a exemplo das tentativas de alterações nos costumes dos atletas, da intensificação da ideia do corpo-máquina substituível, da inserção de esquemas táticos que trouxeram dificuldades a alguns jogadores e do controle médico excessivo.

### **O processo de racionalização esportiva: impactos no futebol**

Tais mudanças fazem parte dos novos sentidos e das novas finalidades construídas para o jogo, calcadas em evidentes mecanismos de racionalização. Podem ser citados alguns exemplos preliminares, como a colocação de cercas separando gramado e arquibancada; a construção de aparatos para controlar a rentabilidade dos jogos; os dispositivos disciplinares aplicados a juízes e jogadores com a criação do Tribunal de Penas da F.M.F (e a proposta de que fossem também aplicados a torcedores); a realização de jogos em campos neutros; e as constantes reformulações dos quadros de arbitragem (SOUTTO MAYOR, 2017).

Sobre este último quesito vale ressaltar a vinda a Belo Horizonte de juízes cariocas, argentinos e ingleses<sup>5</sup>, no intento, nem sempre exitoso, de se promover maior imparcialidade nos resultados das partidas. Também os estádios passaram por grandes processos de reformulação na década de 1940, a exemplo dos estádios do Cruzeiro e do América. No caso do primeiro, vislumbrava-se a construção de alambrados inspirados

---

<sup>4</sup> Joaquim Nabuco Linhares foi um cidadão que viveu em Belo Horizonte e que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX. Linhares não só coletou os periódicos, como também produziu um catálogo contendo as principais características de cada título que mantinha em sua posse.

<sup>5</sup> Pode-se citar como exemplo a atuação de Mr. Barrick, no jogo da final do campeonato mineiro de 1948 (AMÉRICA, dez. 1948, n. 6, p. 7).

nos modelos argentinos<sup>6</sup>. A influência de clubes do país vizinho também se manifestaria no desejo de se instalar a iluminação do estádio americano nos moldes da cancha do Racing, de Buenos Aires<sup>7</sup>.

A referência à Argentina não se revelava apenas nas estruturas dos estádios e dos clubes, mas na ideia de excelência esportiva que se tinha daquele país: os jogos dos Argentinos eram considerados “magníficos”<sup>8</sup>. Tal constatação se referia aos predicados técnicos e táticos dos jogadores, além da plasticidade e da criatividade dos improvisos vinculados ao jeito *criollo* de se praticar o esporte. Não por acaso, alguns técnicos argentinos prestaram seus serviços a clubes belo-horizontinos, como Papetti e Valsechi, no América. Os mecanismos de otimização e racionalização do jogo também estavam atrelados a exemplos de outros centros esportivos. O estádio do Pacaembu, em São Paulo, e o estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, eram mencionados como exemplos de sucesso.

Em outra direção, a racionalização da estrutura do jogo parecia caminhar no mesmo passo em que se processava uma racionalização dos costumes. O jornal *Folha Esportiva* anunciava, em 1946, uma resolução do Conselho Técnico da C.B.D, que dispunha sobre a adoção de numeração para as camisas dos jogadores: “O Conselho Técnico da Confederação Brasileira de Desportos resolveu adotar, a partir do atual campeonato, nos jogos do certame nacional, o sistema de numeração para os ‘cracks’ que do mesmo participem”<sup>9</sup>. Diante da exigência, o periódico assinalava que a F.M.F já estaria tomando as devidas providências “a fim de dar cumprimento à disposição da C.B.D, mandando confeccionar escudos numerados, de 1 a 11, a fim de colocá-los nas camisas a serem utilizadas pelos jogadores da seleção mineira”. O texto concluía: “Trata-se de uma inovação original, não resta dúvida. Os jogadores, dessa forma, serão identificados como se procede em relação ao basquete”<sup>10</sup>.

Já o *Diário Esportivo* havia publicado em outra ocasião uma resolução do Conselho Nacional de Desportos, acerca dos apelidos dos ‘cracks’. A “curiosa portaria” recomendava que todos os clubes e entidades combatessem as “algunhas pejorativas e pouco decentes”<sup>11</sup>: “No seu ato, o Conselho Nacional argumenta dizendo que as finalidades elevadas da prática do esporte não comportam esses apelidos pouco lisonjeiros e tão frequentes, particularmente no futebol”<sup>12</sup>. A reportagem, no entanto, sinalizou a impossibilidade da aplicação de tal medida em

<sup>6</sup> CRESCE o estádio celeste. Olímpica, o Cruzeiro em foco, jul/agost. 1949, n. 4, p. 14-15.

<sup>7</sup> A ILUMINAÇÃO. América, jul/agost. 1948, n. 3, p. 1.

<sup>8</sup> EM janeiro virá o Rosário Central. Diário Esportivo. 28 de dez. 1945, n. 25, p. 3.

<sup>9</sup> O CONSELHO técnico da C.B.D vai adotar... Folha Esportiva. 08 de out. 1946, s/n, p.3.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> O C.N.D baixou há dias... Diário Esportivo. 13 de set. 1945, n. 8, p. 2.

<sup>12</sup> *Idem*.

solo mineiro, pois se confrontaria com os próprios costumes já construídos e enraizados.

A medida atinge diretamente Minas Gerais, onde só o Villa Nova tem dado uma serie incrível de nomes nada agradáveis para os jogadores. Assim, temos, entre outros: Madeira, Fuinha, Parafuso, Borracha e Foguete. Nos demais gremios de Minas aparecem Pescoço, Mão de Onça, Dedão, Mingueirinha, Cafifa, Bororó, Fogosa, Selado, etc. No Rio e S. Paulo há plaieres conhecidos, como o nosso Bigode, Careca (C. do rio), Bilulu e Sonô (Bangu), Piolini e Pardal (S.Paulo), Pinga (Portuguesa), Turcão (Palmeiras), Sapolio, Sapolino e Duzentos (Ipiranga), Gambá, Baia e Tom Mix (Jabaquara), etc. É louvável a providencia do C.N.D, mas dificilmente será adotada e cumprida rigorosamente. Mesmo porque quasi todo jogador é José, João, Joaquim ou outro nome que se usa aos milhares... E o fan que grita em campo, bem como os locutores e a imprensa não estão para dizer José I, José II, José III. É neste momento que o apelido tem sua razão de ser. E, depois, conforme o surrado proverbio 'Vox Populi, vox Dei'<sup>13</sup>.

A interferência nos costumes, demonstrada de forma bem-humorada pelo periódico, pode ser compreendida como parte de um entendimento que passou a ser comum em relação ao jogador profissional de futebol: a ideia de que seu corpo se tornou componente de um aparato instrumental e, nesse caso, a supressão das individualidades em prol da maquinaria encarnada na figura do time, encontrava ressonância. Dentro desse contexto, pensando em uma perspectiva mais ampliada, o jogador de futebol profissional foi comumente compreendido como uma peça substituível, em caso de repetidas falhas, avarias (lesões) ou desgastes naturais provocados pelo tempo.

As falhas passaram a ser cada vez mais imperdoáveis na nova lógica em que o sucesso da equipe refletia em sucesso financeiro. Uma das reportagens citava o exemplo de Cafunga, famoso goleiro atleticano, considerado pelo impresso, "o melhor arqueiro do Estado"<sup>14</sup>. No entanto, "por causa do 'galináceo' que deixou passar no último Atletico x América, o rapaz foi multado em 60 por cento dos seus vencimentos e ameaçado de ir para a 'cerca'. Tudo em razão de um franguinho magro que digeriu [...]"<sup>15</sup>.

Em outro artigo, lamentava-se a situação do mesmo jogador: "Cafunga foi esteio durante 11 anos. Bastou falhar uma vez..."<sup>16</sup>. O texto ressaltava as boas atuações do jogador que, desde 1933, ostentava "posição privilegiada de insubstituível na meta atleticana". Segundo o jornal, "o veterano guardião fluminense jamais desmereceu a confiança dos dirigentes e adeptos do clube dos 'riscados'" e quando o time

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> A ALTA dos frangos. Diário Esportivo. 02 de agost. 1945, n. 2, p. 5.

<sup>15</sup> *Idem*.

<sup>16</sup> CAFUNGA foi esteio... Diário Esportivo. 09 de agost. 1945, n. 3, p. 3.

enfrentava problemas, “lá surgia Cafunga garantindo a invulnerabilidade do seu arco e proporcionando ao Atlético trampolins para triunfos inesperados e sensacionais”. O maior realce, no entanto, estaria no fato de o arqueiro ter recebido, ao longo de sua carreira, propostas diversas, “todas vantajosas”, as quais desprezou, em uma demonstração “inequívoca de amor à camisa [...]”<sup>17</sup>.

Vem, todavia, o jogo final no turno neutro do certame de 45, justamente contra o mais acérrimo rival dos alvi-negros: o América. Vencem os alvi-verdes e, por dolorosa coincidência, mercê de um tento que provocou verdadeira ‘onda’ entre os torcedores atleticanos. Fora um ‘frango’ do goleiro... E não faltou quem chegasse ao cúmulo de afirmar que Cafunga se vendera. O espírito do torcedor de futebol é caprichoso e teimosamente voluntarioso. Não concebe que o seu ‘crack’ preferido possa falhar sequer uma vez. Mesmo que tenha garantido vitórias inúmeras ao seu clube. Cafunga andou pela ‘rua da amargura’, e o Atlético, pela voz de seus ‘cornetas’, parece que chegou mesmo a pensar em afastar o goleiro de 11 anos, o esteio absoluto de da sua defesa<sup>18</sup>.

O entendimento de uma “velhice” precoce do corpo, referente a um estado em que as peças humanas não mais seriam capazes de corresponder às exigências físicas do esporte, também se fazia fortemente presente. A história do “menino ‘crack’”<sup>19</sup>, Nívio, é bastante representativa desse contexto. Ao justificar contratações como as do jovem jogador, o periódico *Diário Esportivo* se manifestou da seguinte forma:

A renovação de valores é um fato. Temos provas cabais em nosso esporte. Hoje, a prática neste setor nos faz preferir os mais novos, menos gastos, para militar em nosso ‘association’. Os velhos e esgotados devem necessariamente, ceder seus lugares [...]. Agora, tempos passados, em todos os exercícios físicos, os moços são chamados às fileiras, a fim de defender os esportes. [...] Somente o futebol mineiro não ia para frente. O nosso esporte bretão estava repleto de ‘velharias’. Homens que jamais podiam produzir á altura do renome esportivo de Minas. Os nossos selecionados eram formados tendo como base o desprezo aos ‘cracks’ sem cartaz, jogando de lado a mocidade. Por isso, não progredíamos. Estivemos sempre por baixo, sofrendo às vezes derrotas amargas, as quais tinham como causa impar a falta de preparo físico. Os tempos estão mudando... Parece que nossos clubes de futebol profissional compreenderam o problema e resolveram lançar os novos, preterindo os velhos<sup>20</sup>.

O contraste entre os jogadores “velhos e esgotados” e os “mais novos e menos gastos” promovia a precocidade da atuação de jovens

---

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> O MENINO ‘crack’ Nívio. *Diário Esportivo*. 09 de agost.1945, n. 3, p. 7.

<sup>20</sup> *Idem*.

jogadores no mercado de atletas que se gestava. Nívio firmara o seu primeiro contrato com dezessete anos: “Em primeiro de novembro de 1944, ele assinava o primeiro sério documento de sua vida, um contrato com o Atlético, contrato esse que teve de ser autorizado pelo seu pai, pois o signatário é ainda uma criança”<sup>21</sup>. Situação parecida aconteceu com o jogador Noronha, que assinou seu primeiro contrato profissional com a mesma idade, pois “não podia o ‘crack’ ficar toda vida no anonimato, sem cartaz e sem tirar proveito do esporte das multidões”<sup>22</sup>.

Uma das reportagens relatava a história de um menino que havia se profissionalizado aos quinze anos, depois de deixar o futebol amador. Em entrevista ao *Diário Esportivo*, o jovem jogador detalhou seu caminho no futebol profissional.

Nessa ocasião o Américo Tunes, que era treinador do Sete, convidou-me para ingressar no quadro rubro. Havia, entretanto, sérios embaraços, pois meu pai não consentia que eu jogasse entre profissionais e eu não tinha também idade suficiente, pois, aos 15 anos, a lei não permitia que um jogador forme em quadros superiores. As dificuldades, entretanto, foram afastadas. A idade foi falsificada e meu pai deu permissão, atendendo a inúmeros pedidos de amigos. Ingressei, assim, no Sete de Setembro<sup>23</sup>.

O referido jogador, posteriormente, manifestou uma de suas dificuldades advindas da precocidade de sua profissionalização, já no começo da década de 1940: “[...] Já nessa ocasião eu voltara aos estudos fazendo o curso ginásial noturno no Colégio Anchieta, onde fiquei até terminar o ginásio e o 1º ano científico, onde novamente interrompi os estudos, pois, sentia-me exausto com o trabalho, futebol e livros”<sup>24</sup>.

No outro extremo, outro texto intitulado “O ferro velho” comparava um quadro de futebol a um automóvel, “não só com relação ao seu funcionamento, como também aos seus reparos”<sup>25</sup>. O conserto do motor de um carro e sua demanda por uma peça que falta ou necessita ser substituída por outra foi equiparada à uma equipe de futebol. Nesse caso, a solução para ambos seria o “ferro velho”, onde se amontoam várias peças, “evidentemente já usadas e cujo ‘desgaste’ é difícil de verificar com exatidão, quando não são encontradas novas ou não se pode mandar fazer...”.

O ‘ferro velho’ no futebol é útil excepcionalmente. E aqui entre nós, quando a ‘peça’ de que precisa o motor não for encontrada nova, deve ela ser feita aqui mesmo, no meio de muitas ‘fundições’, que existem por aí: - os clubes amadoristas. A confecção da peça ficará bem mais barata e não terá os defeitos da outra muito boa pelo material nela empregado, mas que,

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> COM 17 anos Noronha assinou seu primeiro contrato. *Diário Esportivo*. 06 de set. 1945, n. 7, p. 8.

<sup>23</sup> COM 15 anos, profissional de futebol. *Diário Esportivo*. 16 de mai. 1946, n. 41, p. 4.

<sup>24</sup> *Idem*.

<sup>25</sup> COM o Atlético tudo. *Diário Esportivo*. 06 de dez. 1945, n. 20, p. 4.

pelos anos de uso, tornou-se defeituosa. Sim, porque, de um modo geral, se ela fosse perfeita, não teria ido para o 'ferro velho'<sup>26</sup>.

Nesta reportagem é também possível perceber o lugar ocupado pelos clubes amadores no cenário futebolístico belo-horizontino. Onde os holofotes se direcionavam ao profissionalismo, o futebol amador era o lugar das “fundições” e das “peças baratas”.

Outras publicações se referiam à necessidade de se compreender o futebol com base em conhecimentos especializados. E nesse caso, o técnico chegou a ser representado como “o lubrificante número um das ‘máquinas’ de jogar futebol”<sup>27</sup>. Um dos artigos mencionava o uruguaio Ricardo Diez, técnico do América em 1946 e 1949, como “pedagogo do futebol”<sup>28</sup>. A sua vantagem residia no fato de não ser ele “um improvisado, forjado pelo espírito aventureiro tão peculiar ao futebol indígena”. Ao contrário dos “paraquedistas” que se intitulavam técnicos, Diez era mencionado como “um estudioso consciente e arguto das complexas questões futebolísticas”.

Cada jogador é um caso para seu estudo. Por isso adotava fichas individuais, onde incluía dados antropométricos, psíquicos, morais e etc. Baseia seu método na educação física especializada. Não iremos ao exagero de afirmar que o futebol seja ciência e, portanto, sujeito ao conjunto das leis imutáveis. Se não tem a rigidez sistemática da ciência e nem as linhas harmônicas da arte, o futebol obedece, contudo, a diretrizes fundamentais. O técnico é o grande responsável pelo êxito de um conjunto futebolístico<sup>29</sup>.

Em seguida, a reportagem publicara a transcrição de uma entrevista concedida por Diez “em um semanário esportivo carioca”. Para o técnico, o futebol profissional tinha vários aspectos que só poderiam ser compreendidos e resolvidos por “homens especializados”. Contrariando a prática comum de troca de treinadores, ressaltava que o “lapso de um ano ou de uma temporada não é o suficiente para se terminar uma obra tão complicada como a que exige o futebol comercializado”. No findar da reportagem, enaltecia, novamente, as prerrogativas “racionalizadas” que deveriam compor a formação de uma boa equipe de futebol.

O técnico planeja um tipo de equipe, mas para isso é necessário possuir tudo o que esse tipo de time requer. Detalhes como o elevado espírito de combatividade, velocidade, resistência, imaginação fácil, execução rápida e perfeita na procura do goal, tipos antropométricos [...], enfim, exame de caráter e definição

---

<sup>26</sup> *Idem.*

<sup>27</sup> DEFEITOS e atrações de nossos cracks. Diário Esportivo. 23 de mai.1946, n. 42, p. 4.

<sup>28</sup> DIEZ, pedagogo do futebol. Diário Esportivo. 21 de fev.1946, n. 28, p. 9.

<sup>29</sup> *Idem.*

psicológica são os pontos que, com a conduta moral e disciplinar, devem ser encontrados para se seguir uma linha que nos dê e dê ao clube um horizonte de exitos ininterruptos [...]”<sup>30</sup>.

Em outra publicação, intitulada “O problema nacional do técnico”<sup>31</sup>, ressaltava-se a diferença de importância conferida ao técnico no momento atual e em outras épocas: “O futebol de hoje deu nova feição e nova importância – feição e importância decisivas – ao trabalho dos técnicos. Se em épocas remotas do esporte bretão o capitão do quadro fazia o trabalho que hoje cabe ao técnico, agora não acontece o mesmo”.

[...] O futebol progrediu. Evoluiu de maneira formidável. Já é um jogo de características bem diversas das que tinha há cerca de 10 anos. Veio a marcação cerrada, essa discutidíssima marcação de homem para homem. O futebol já é diferente. Tornou-se mais corrido, mais vivo, mais disputado. Os jogadores, agora, têm que possuir qualidades físicas e recursos técnicos de maior envergadura<sup>32</sup>.

Sobre a referenciada marcação cerrada, um dos textos relatou a possível decepção que teria o técnico húngaro, Dori Krueschner, considerado o introdutor da tática no Brasil, ao perceber as transformações de seus ensinamentos defensivos: “Os jogadores acham que marcar ‘cerrado’ é grudar-se ao respectivo adversário, impedindo-o de agir, de qualquer forma. Quando são driblados, agarram-se a ele pelas costas, puxam-no pela camisa [...]”<sup>33</sup>. O artigo concluiu fazendo uma alusão ao profissionalismo: Eles são profissionais coitados! Precisam agarrar-se ao lugar no time de qualquer maneira, mesmo que para isso... tenham de agarrar-se ao adversário”<sup>34</sup>.

O fracasso ou o sucesso dos jogadores estava, assim, relacionado com o aumento das exigências do futebol profissional e com a capacidade de adaptação às mudanças que se processaram, a exemplo das alterações de esquemas táticos que trouxeram dificuldades para alguns jogadores. O periódico associava a tática ao progresso do futebol profissional, cada vez mais racionalizado e exigente.

Brandão, identificado como centromédio das seleções de São Paulo e do Brasil por quase dez anos, foi mencionado como exemplo de inadaptação às novas formas de jogo: “Não há esportista nesse mundo de Deus, conhecedor do futebol internacional, que ignore a existência de Brandão”<sup>35</sup>. Entretanto, as dificuldades de sua carreira surgiriam com a implantação do referido sistema de marcação no Brasil: “Brandão não gostou da brincadeira”.

---

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> O PROBLEMA nacional do técnico. Diário Esportivo. 04 de abr. 1946, n. 37, p. 8.

<sup>32</sup> *Idem*.

<sup>33</sup> MARCAÇÃO cerrada. Diário Esportivo. 25 de abr. 1946, n. 39, p. 3.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> ESTRELAS e marcação cerrada. Diário Esportivo. 11 de out. 1945, n. 12, p. 5.



Era desinteressante jogar assim. Acompanhar um sujeito durante todo o transcurso de uma peleja, não estava direito! Depois fez força para se adaptar. Mas, infelizmente, aquilo não era, positivamente, para ele. Sua estrêla viveu os seus últimos momentos de histórico esplendor. Ganhamos uma nova tática e perdemos o nosso melhor centro médio, o n. 1 da América do Sul e um dos maiores do universo. Brandão errou, errou e errou mais e mais. Foi afastado do esquadrão principal do Corinthians Paulista. Apagou-se inteiramente, completamente a sua estrêla raríssima<sup>36</sup>.

Outro exemplo era o de Zezé Procópio, mencionado como “o melhor médio direito que o futebol mineiro já produziu”<sup>37</sup>. Saiu de Minas Gerais para o Botafogo, onde jogou, “a partir de então, em todos os ‘scratches’ cariocas e nacionais. Disputou a Copa do Mundo, campeonatos sul-americanos, copas e taças”. Segundo o texto do *Diário Esportivo*, “a marcação cerrada foi encontrá-lo no São Paulo. Mas o São Paulo não adotou a cerrada e Procópio ficou fora de perigo”. Entretanto, transferiu-se para o Palmeiras em 1945 e lá, não se adaptou à marcação “homem a homem”.

O grande e incomparável Procópio ficou a temporada inteira na ‘cêrca’. É que o Palmeiras precisava de um médio direito que marcasse o ponta, jogando recuado. Procópio estava habituado a marcar o meia, jogando adiantado. Assim, ele não servia e, por isso, ia ficando na reserva. Se o Palmeiras o fizer jogando adiantado, sua estrêla brilhará de novo, com todo o antigo esplendor, na constelação sul-americana<sup>38</sup>!

Outro mecanismo relevante que sugere um novo olhar racionalizador para o esporte foi a importância conferida à medicina especializada no campo esportivo. A entrevista com o técnico uruguaio Diez já demonstrava indícios desse controle. No final da década de 1930, o periódico carioca *Sport Ilustrado* publicou uma ampla reportagem abordando o controle médico nas atividades esportivas como uma vitória da implantação do profissionalismo no futebol<sup>39</sup>.

Segundo o texto, o mérito de tal ação devia-se à extinta Liga Carioca de Football. Dentre as medidas estava a seleção de “elementos que tivessem, sob o ponto de vista clínico, aptidões para a prática do violento sport bretão. [...] Além da inaptidão, em caracter definitivo, eram feitas igualmente observações periódicas para tratamento de determinadas enfermidades”. A apuração “physiologica de nossos footballers” era relacionada à eficiência na prática do esporte e, inserido nesta preocupação, estava também o controle médico da alimentação,

---

<sup>36</sup> *Idem*.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> O CONTROLE medico nas actividades esportivas... *Sport Ilustrado*, n. 6, 1938, p. 12.

“estabelecendo regras que visem conferir ao *sportman* a assimilação de substancias uteis á compensação dos gastos decorrentes dos exercícos das vésperas de uma competição e della própria”. Destacava-se, ainda, o cuidado com os dentes e a necessidade de uma realização periódica de exames clínicos: no início das atividades, na metade da etapa prevista e no encerramento das atividades<sup>40</sup>.

Em Minas Gerais, pode-se destacar a ação da Diretoria de Esportes, criada em 1946. Em um de seus boletins, constavam chamadas aos atletas para se submeterem “ao controle médico anual”<sup>41</sup>, para a sua própria “saúde e bem-estar”. As recomendações do texto em questão se referiam a uma palestra proferida pelo Dr. Jair Roiz Pereira, Chefe do Serviço de Controle Médico-Desportivo da Secretaria de Saúde e Assistência.

Nunca devemos estar esquecidos de que o organismo humano é em tudo semelhante à máquina. [...]. Está bem claro que a máquina deve ser periodicamente revista pelo técnico, que lhe examina o funcionamento corrigindo defeitos ou avarias que possam danificar total ou parcialmente o conjunto<sup>42</sup>.

Dentro desta perspectiva de controle dos atletas, o Departamento Médico da F.M.F protagonizou uma situação peculiar, que acirrou os ânimos dos dirigentes do Atlético. O goleiro Cafunga, em uma das avaliações médicas realizadas no ano de 1943, foi constatado com um desvio de septo nasal. Em razão desse problema, o Departamento Médico deliberou por afastá-lo dos gramados até que o jogador realizasse uma cirurgia corretiva. A medida foi taxada pelos atleticanos de absurda, injusta e radical. A revolta era tão grande no clube alvinegro que o mesmo ameaçou abandonar o campeonato caso a medida fosse mantida. A reportagem do *Estado de Minas* enaltecia as contradições da ação médica em relação ao referido jogador.

Cafunga, ha longos anos pratica o futebol e o desvio de septo nasal que sofre, jamais lhe criou qualquer dificuldade fisica, mesmo porque, a posição que ocupa, pouco excesso lhe exige. No quadro do Atlético, Cafunga sempre atuou com grande eficiência, demonstrando grande forma e, nos selecionados do nosso Estado, sempre foi astro de primeira grandeza. Por que, então, exigir-lhe uma operação dispendiosa e completamente desnecessária<sup>43</sup>?

Pode-se pensar que o desenvolvimento dos esportes na década de 1940, aliado às prerrogativas da saúde física e mental de uma concepção médico-higienista ainda presente que visava governar corpos, propiciou uma circulação de informações e de conhecimentos acerca dos

<sup>40</sup> *Idem*.

<sup>41</sup> MEDICINA esportiva. Boletim da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. 30 de jun. 1949, n. 6, p. 10.

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> AGITADOS os meios esportivos com o ‘caso Kafunga’. Estado de Minas, 15 de mai. 1943, n. 5.094, p. 1.

usos e interferências da medicina para a melhoria do desempenho da atividade física e, sobretudo, para o controle dos corpos dos atletas. Aliadas às preocupações com a saúde e o bem-estar estavam as ações que visavam otimizar o rendimento dos jogadores, pautadas em avaliações quantitativas e prescrições normativas sobre um corpo-máquina que deveria servir às prerrogativas modernas de um mercado que se gestou em torno do campo esportivo.

## **Conclusão**

A década de 1940 demanda do futebol belo-horizonte novos olhares acerca da estrutura do jogo e, especialmente, dos jogadores. A racionalização crescente do esporte pôde ser vislumbrada principalmente nas tentativas de mudança dos costumes dos jogadores; no entendimento do corpo do atleta como um corpo descartável; nas imitações de padrões estrangeiros para a construção de estádios; na contratação de técnicos de outros países; nas mudanças táticas, que levaram vários jogadores para a “cerca”; e nas intervenções de uma medicina esportiva.

Todos esses são processos que demonstram uma tentativa de adequação do futebol local aos grandes centros esportivos brasileiros e internacionais, evidenciando a adesão a uma lógica global de mercantilização do futebol.

Vale destacar a questão tática e a inadaptação dos atletas a um jogo que não lhes era agradável ou facilitador e, conseqüentemente, a posterior derrocada dos antigos craques agora considerados inaptos. Destacamos que esse é um tema ainda pouco abordado nos estudos socioculturais do futebol e que carece de mais investimentos.

## **Referências**

LAGE, Marcus Vinícius Costa. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)*. Tese [Doutorado em História], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

Recebido em 15 de fevereiro de 2022

Aprovado em 4 de maio de 2022